

## **Razão e fé**

Em setembro de 2018 fez 20 anos que São João Paulo II publicou a encíclica *Fides et ratio*, cujo texto é totalmente dedicado ao assunto *filosofia*. Fora a segunda vez que um pontífice se debruçou sobre tal assunto. A primeira vez tinha sido a publicação de *Aeterni Patris* (1879), do grande papa Leão XIII, com a qual incentivava toda a Igreja a redescobrir a filosofia de Santo Tomás de Aquino.

A encíclica *Fides et ratio* veio como um bálsamo suave sobre a pele de muitas pessoas que no ambiente católico dedicam suas vidas, ou parte delas, à pesquisa, ao estudo e ao ensino da filosofia. Encontravam-se como que fatigadas e estafadas pelo caminhar sob o sol escaldante da modernidade que parece ter abandonado suas raízes cristãs. Com efeito, os tempos atuais questionam a utilidade da filosofia para a preparação intelectual dos futuros membros clero da Igreja romana e alguns até sugerem substituir a filosofia por outras ciências humanas, consideradas como instrumentos mais aptos e eficazes para a compreensão do mundo e a ação dos cristãos nele.

A filosofia, como indica sua etimologia, significa *amor à sabedoria* e consiste no conhecimento e na investigação dos princípios mais gerais de tudo o que existe. Foi o Concílio de Trento (século XVI), na esteira da prática solidificada no Medievo, a fazer dos estudos filosóficos uma etapa preliminar e obrigatória aos estudos teológicos na formação do clero católico. Um pouco depois dessa determinação tridentina, a própria filosofia vivenciava uma mudança radical: seu foco passa a ser principalmente o problema do conhecimento, sua natureza, suas condições e seus limites. Eis a assim chamada virada antropocêntrica na filosofia! Ela não se interessa mais pela ordem de tudo o que existe, mas olha para si mesma, separando-se e distanciando-se totalmente da teologia.

Nesse sentido, o enunciado do título da encíclica do Papa Wojtyła soa como um grito de esperança de que as duas grandes áreas de estudos cristãos — a filosofia e a teologia, que encabeçavam duas das quatro faculdades formadoras da instituição universitária ocidental — têm a tarefa de se manterem em diálogo, interação e intercâmbio, favorecendo a instauração de uma “reciprocidade circular” entre ambas (ver n. 73). A

conhecida expressão que se refere à filosofia como *ancilla theologiae* (escrava ou serva da teologia) é vista por *Fides et ratio* apenas como uma indicação da necessidade da relação entre ambas e a impossibilidade de que elas se separem.

*Fides et ratio* afirma a plena autonomia da filosofia enquanto conhecimento humano e dá um passo mais à frente com relação à importância dos estudos filosóficos para a Igreja, sublinhando que esta, a Igreja, “não propõe uma filosofia própria, nem canoniza uma das correntes filosóficas em detrimento das outras” (n. 49).

Mas autonomia não significa fechamento nem autossuficiência. Com efeito, a filosofia hodierna parece ter retirado a fé de sua pauta de discussão. Outros nomes para essa atitude se encontram nas correntes filosóficas que se reconhecem materialistas, relativistas e nihilistas, entre outras, encerrando o fenômeno humano no horizonte da pura imanência.

Há em *Fides et ratio* uma aposta na abertura do ser humano à transcendência. Isso implica a exigência de que a razão tenha capacidade de “se elevar aos níveis mais altos da reflexão, dando fundamento sólido à percepção do ser, do transcendente e do absoluto” (n. 41) ou, em outras palavras significa dizer que “o trabalho filosófico, como busca da verdade no âmbito natural, pelo menos implicitamente permanece aberto ao sobrenatural” (n. 75).

Tal abertura afirma, do ponto de vista lógico, a anterioridade da filosofia em relação à fé, pois a filosofia se mostra como um conhecimento essencial e unicamente natural, mas que não se fecha àquele tipo de conhecimento próprio da fé, qual resposta à autocomunicação de Deus, que, conforme a lição magistral de Tomás de Aquino, supõe e aperfeiçoa a razão, pois “a graça não suprime a natureza, mas leva-a à perfeição”. Nessa visão que conjuga razão e fé, há uma conciliação entre “a secularidade do mundo e a radicalidade do Evangelho, evitando, por um lado, aquela tendência antinatural que nega o mundo e seus valores, mas, por outro lado sem faltar às exigências supremas e inabaláveis da ordem sobrenatural” (n. 43).

A encíclica filosófica de João Paulo II reclama, pois, por “uma filosofia de alcance *autenticamente metafísico*, isto é, capaz de transcender os dados empíricos, para chegar, na sua busca da verdade, a algo absoluto, definitivo e básico”. Em outras palavras, isso significa encarar com coragem o desafio de passar “do *fenômeno ao fundamento*” (n. 83), que se tem mostrado o caminho de uma filosofia que seja qualificada como *clássica*, que teve em Platão e Aristóteles seus fundadores.

O convite feito por *Fides et ratio* continua atual e necessário, porque é um convite àquele aspecto mais caracterizador do ser humano: sua capacidade de conhecer e de ser livre. Conhecimento e liberdade não são simplesmente dados empíricos da experiência humana. Eles têm a ver com

a abertura e inacabamento sem os quais a história humana não acontece sobre a terra.

**Delmar Cardoso**  
**Editor**